

A polarização das Representações Sociais de alunos de uma escola de periferia sobre o racismo

Marcela Cristina de Almeida

Resumo:

Trata-se de um estudo de caso que objetiva investigar as representações sociais acerca do racismo elaboradas por alunos do ensino médio regularmente matriculados em uma escola pública localizada na periferia da cidade de Ponta Grossa/PR. Como referencial teórico para discutir o racismo foram utilizados Sansone, Munanga, Bento e outros e para as Representações Sociais, Moscovici, Abric e Sá. A coleta de dados foi realizada mediante a aplicação de um questionário tipo TALP. A análise se deu mediante o apoio dos *softwares* Evoc e Iramuteq. Os dados evidenciaram que os alunos possuem conhecimentos em relação ao racismo, atitudes negativas frente a ele e indicam com frequência a imagem do macaco ao se referir a pessoa negra. Destaca-se o fato de haver uma polarização na representação social do racismo, de um lado os alunos/as pretos e pardos reconhecem a sua existência e o seu impacto em suas vidas e de outro lado os alunos/as brancos negam a sua existência, alegando que somos todos iguais.

Palavras-chave: Educação antirracista. Branquitude. Alunos. Educação Básica.

1.0 Introdução

O interesse em desenvolver esta pesquisa deu-se a partir de observações realizadas durante atividades desenvolvidas em 2024 no Programa Residência Pedagógica em uma escola pública, localizada na periferia da cidade de Ponta Grossa/PR. Na ocasião, viu-se que problemas como o racismo, intolerância religiosa, entre outros, os quais estavam bastante presentes no cotidiano escolar. De todos esse problemas, duas frases comentadas e presenciadas em sala de aula chamaram a atenção. A primeira foi dita por um aluno em uma roda de conversa que causou muitas risadas entre os alunos. A segunda estava escrita em uma carteira da última fileira da sala, a qual ofendia a população que se autodeclarava como negra. Ambas suscitaram preocupações e evidenciaram o quanto as ferramentas que perpetuam as disparidades, as desigualdades e as violências estão presentes no cotidiano escolar e são normalizadas por todos os sujeitos presentes nesse espaço.

Diante disso, questiona-se: Qual o papel da escola frente a essas situações? Quais atitudes poderiam ser tomadas pelos professores para além do silenciamento? Em que sentido a formação de professores inicial e continuada oferece subsídios para uma educação antirracista? Nesta pesquisa, parte-se da preocupação de que, na formação docente, é urgente disponibilizar materiais didáticos e conteúdos necessários para o enfrentamento do racismo, a fim de criar um senso crítico e uma consciência de classe que possibilite diminuir a distância entre o que se “diz” e o que se “faz”, em função do papel multifacetado que o professor desempenha na

formação dos seus alunos. Angela Davis (2016) destaca que em uma sociedade racista, não basta apenas não ser racista, é necessário ser antirracista. Nesse sentido, em 9 de janeiro de 2003, foi criada a Lei nº 10.639 (Brasil, 2003), que altera as diretrizes e bases da educação nacional incluindo no currículo a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Assim, estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, bem como a sua contribuição nas áreas social, econômica e política deverão fazer parte do currículo escolar, em especial nas áreas de Artes, Literatura e História.

Circulando entre esses elementos, seja em atos racistas ou em conteúdos que promovem uma educação antirracista, os alunos, brancos e negros, que compoem o ambiente escolar vivenciam as questões étnico-raciais de forma intuitiva, agem e constroem representações sociais a partir de suas experiências e vivências, carregadas de conhecimentos, atitudes e imagens que se tornam circulantes e partilhadas. Posto isso surge a problemática dessa pesquisa: Quais são as representações sociais que os alunos de uma escola pública da periferia na cidade de Ponta Grossa/PR, possuem acerca do racismo. O objetivo geral consiste em apresentar a estrutura e a dimensionalidade das representações sociais dos alunos de uma escola pública, de periferia, acerca do racismo.

Nesse sentido a seguir são apresentados os conceitos de Raça e Racismo, na sequência expõe-se conceitos das Representações Sociais. Por conseguinte são expostos os aspectos metodológicos que subsidiaram a coleta e a análise dos dados. Por fim, apresenta-se a discussão dos dados a luz do referencial teórico adotado.

1.1 Questões étnico-raciais: Conceito de Raça e Racismo

De acordo com Livio Sansone (1996) há um sistema de classificação racial utilizando regras e cores que foi historicamente determinado e vem se intensificando e se alterando. Ao longo da história, o conceito de “raça” surge com o objetivo de classificar os seres vivos, visando separá-los em grupos e subgrupos facilitando a sua identificação. Kabengele Munanga (1988) afirma que esses critérios foram estabelecidos com base nas diferenças e nas semelhanças, iniciando a classificação na Botânica e na Zoologia, classificando espécies de plantas e grupos de animais, com o intuito de facilitar a compreensão e a pesquisa.

Já no que se refere à classificação dos seres humanos, havia alguns critérios utilizados para a divisão das raças, por exemplo, a cor de pele (baseada na concentração de melanina), características fenotípicas (forma do nariz, dos lábios, etc) separando a humanidade historicamente. Esses critérios de avaliação deram base para o início da organização da

população em raças. Munanga (2004) explica que se esses critérios fossem utilizados apenas para definir as características físicas sem que houvesse uma conexão com os atributos psicológicos, não haveria problemas para a humanidade. Contudo, com o decorrer do tempo, os indivíduos da raça "branca" foram coletivamente considerados superiores aos da raça "negra" e "amarela" com base em suas características físicas hereditárias, como a cor "clara" da pele e a forma dos lábios, nariz e queixo. Segundo essa perspectiva, essas características os tornavam mais atraentes, mais inteligentes, mais honestos e mais inventivos, e, consequentemente, mais aptos a liderar e dominar as demais raças, criando assim uma classificação da humanidade com base em raças hierarquizadas.

Munanga (1988) ainda ressalta que o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pelas relações intrínsecas entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. Acreditar nessa hierarquização é apagar a história e a cultura dos povos negros e originários e avaliá-los negativamente. Felizmente, com o avanço da ciência e da pesquisa, hoje sabemos que a raça não pode ser baseada na relação intrínseca entre características físicas e qualidades psicológicas, mas sim, conceituada como uma variabilidade humana, sendo um fato empírico incontestável que, como tal merece uma explicação científica.

Mesmo após o término "oficial" dos sistemas escravistas, as sociedades contemporâneas permaneceram influenciadas por padrões mentais e institucionais escravocratas (padrões utilizados para denunciar atualmente), ou seja, marcadas pelo racismo, autoritarismo e violência. Maia e Melo (2020), falam sobre os impactos do colonialismo após o período histórico de hierarquização colonial, mesmo após o seu fim, ele segue com grande força de dominação em diferentes âmbitos da vida dos povos que foram colonizados. Nesse sentido, é possível afirmar que o fim do colonialismo não significou o fim das suas consequências. A hierarquização racial, a exploração econômica e a alienação cultural continuam integrantes do legado colonial, que segue operando de forma invisível e silenciosa em todos os âmbitos da sociedade, inclusive no âmbito escolar. Dessa forma, o racismo dos dias atuais seria considerado um vestígio da escravidão, uma contaminação fundamental que, especialmente em países periféricos, dificultaria a modernização das economias e a implementação de regimes democráticos.

Cida Bento (2022), psicóloga e ativista negra, afirma que a avaliação de qualquer instituição como racista não se limita apenas à identificação de atos discriminatórios, pois nas instituições escolares eles não se expressam somente nas relações estabelecidas entre os alunos ou mesmo entre a comunidade escolar, mas também nos materiais didáticos escolhidos, na ausência de professores negros e negras, nos discursos privilegiados e no

currículo oculto (Carapello, 2020). Se considerarmos a homogeneidade em termos de número de profissionais, prestadores de serviços, lideranças e parceiros, a diversidade na escola não é visível, pois notamos a presença majoritária de servidores brancos e até mesmo de materiais didáticos que reforçam o pacto com a branquitude. Ela afirma que a branquitude aparece sempre muito conectada às reações brancas diante do aumento da presença de pessoas pretas em espaços antes frequentados apenas por brancos. A narrativa da branquitude emerge impregnada de ressentimento e amargura, obscurecendo as profundas disparidades raciais existentes na sociedade. Após alguns estudos sobre a branquitude, Bento (2022) afirma que ela surgiu como um lugar de privilégio, de poder, construído ao longo da história.

Ao considerarmos que a escola se constitui como um espaço privilegiado onde são estabelecidos vínculos e relações importantes na construção das identidades dos sujeitos, um espaço onde se constituem valores necessários à formação integral do ser humano considerando todas as suas dimensões (Carapello, 2020). Ela é ainda um espaço de formação que pode atuar na construção ou na desconstrução de representações sociais relacionadas a gênero, etnia, religião e orientação sexual (Oliveira, 2012). É nesse ambiente que surgem as primeiras manifestações de preconceito e episódios de racismo, as quais se não houver uma intervenção do professor na primeira ocorrência, tendem a se intensificar com o passar do tempo, muitas vezes mascaradas ou camufladas como “brincadeiras” ou casos de “*bullying*”. Vale destacar que o *bullying* é todo e qualquer comportamento agressivo e intencional que causa desconforto ou dano a outra pessoa ou grupo, como, por exemplo, insultos, ameaças, ataques físicos, apelidos pejorativos, etc. Ele é um fenômeno psicológico que ocorre exclusivamente nas relações interpessoais, especialmente envolvendo pares, ou seja, alunos-alunos. “Quando as ofensas, as agressões e a violência sofrida pelos sujeitos está relacionada à sua cor, aos seus traços e à sua história, isso não se caracteriza como *bullying*, mas sim como racismo” (Carapello, 2020, p.172). Portanto, se caracterizam como formas de violências distintas.

Os alunos brancos e negros, sujeitos dessa pesquisa são considerados como sujeitos sociais. Eles estão imersos na sociedade, estudam em uma escola na periferia, muitas vezes são marginalizados socialmente e educacionalmente. Nessas escolas, por vezes, são ausentes ações e/ou incentivo para uma boa formação ética, visto que frases com cunho racista e xenofóbico são consideradas “brincadeiras”.

1.2 As representações sociais

Conforme Moscovici (2012), as representações sociais circulam em um circuito contínuo por meio da oralidade, gesticulação e de encontros pelo “universo cotidiano”, ou seja,

para compreender e pesquisar as representações é necessário estar inserido nesse universo. Elas são construídas sempre na relação entre sujeito e objeto e este precisa necessariamente ser um objeto social. De tal modo, o pesquisador precisa considerar o fenômeno ou problema que quer investigar, ou seja, entender a natureza dele, as suas possíveis causas e o seu impacto no contexto em que ocorre, bem como as possibilidades dele se constituir como uma representação social. Visto que, irá examinar como as pessoas dentro de uma sociedade ou um grupo social específico percebem, interpretam e discutem esse fenômeno ou problema, neste caso o racismo (Sá, 1998)

Abrieux (1998), baseou-se na hipótese de que toda representação social está organizada em torno de um núcleo central e um sistema periférico. Essa estrutura seria responsável pela organização e significação da representação, bem como pelo seu funcionamento. O núcleo central, é a parte mais estável e resistente à mudança, composta por elementos essenciais que conferem identidade e o significado. Esses elementos estão enraizados em normas e valores culturais, tornando-os difíceis de modificar. O núcleo central define, portanto, a estrutura global da representação e molda a interpretação do objeto representado. Em contrapartida, o sistema periférico apresenta uma maior flexibilidade e está aberto a transformações, englobando elementos variáveis que se adaptam ao contexto e às experiências diárias. Sua função é preservar a integridade do núcleo central, assegurando sua estabilidade diante de alterações e permitindo que as representações se adequem a novas situações sociais, dentre as quais destacam-se as práticas de educação antirracistas que podem ser construídas no ambiente escolar.

A teoria do núcleo central emerge como um construto teórico que complementa a teoria original, abordando a complementaridade interna da estrutura das representações. Sá (1996) explica que essa complementaridade de funções é exercida por dois sistemas: um sistema central, consensual, consistente e estável, determinado por condições históricas, sociológicas e ideológicas e um sistema periférico, flexível, que permite a integração das experiências e narrativas individuais, suporta contradições e a heterogeneidade do grupo, é adaptável, evolutivo e sensível às mudanças imediatas no contexto, tendo como função a adaptação do sistema central à realidade concreta.

Moscovici (2012) sugere que as representações sociais podem ser examinadas a partir de três dimensões que estão interligadas, o conhecimento, a atitude e a imagem. Ele analisa cada uma delas, começando pelo conhecimento, o qual refere-se conjunto de informações e conhecimentos que os indivíduos possuem sobre o objeto da representação. Esta é a dimensão cognitiva que estrutura e organiza a compreensão do fenômeno. Esse conhecimento é socialmente compartilhado e moldado pela cultura e pelo contexto social, desempenhando um

papel fundamental na formação do núcleo central das representações. Já a atitude corresponde à avaliação afetiva e valorativa que os indivíduos têm em relação ao objeto da representação. Ela reflete a postura favorável ou desfavorável em relação ao objeto. A dimensão atitudinal influencia a maneira como o objeto da representação é interpretado e abordado pelos indivíduos e grupos. E por fim, a imagem, se relaciona com a visualização e a concretização simbólica do objeto da representação. Ela abrange elementos visuais e metafóricos que contribuem para dar forma e substância à representação. A imagem desempenha um papel crucial na construção tanto do núcleo central quanto do sistema periférico, pois facilita a tangibilidade, a concretude e a compreensão do objeto.

2.0 Aspectos metodológicos

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, realizado no 1º e 2º semestre de 2024, que envolveu a aplicação de um questionário para 95 alunos regularmente matriculados em turmas do ensino médio de uma escola pública, localizada na periferia da cidade de Ponta Grossa/PR. A escola funciona nos três períodos, manhã, tarde e noite e atende cerca de 1.600 alunos. Segundo o PPP (ano) da escola a comunidade escolar está capacitada para resolver seus conflitos promovendo a cultura da paz, comprometida com o estabelecimento de práticas que englobam todos os agentes do processo educativo, com o intuito de garantir um ensino de qualidade que promova o desenvolvimento pleno do ser humano.

O questionário aplicado era composto por duas partes distintas. Na primeira parte haviam quatro questões para caracterização dos sujeitos participantes, incluindo gênero, raça, presença ou ausência de familiar negro e se já teve conteúdo/ formação relacionada as questões étnico-raciais na escola. Já a segunda parte continha a técnica de associação livre de palavras (TALP), a qual solicitava que os alunos/as escrevessem cinco palavras ou expressões a partir do termo indutor “Racismo é”, sendo que a primeira palavra deveria ser justificada.

Após a devolutiva dos questionários eles foram organizados em um banco de dados no Excel, para posterior análise. As questões de caracterização foram analisadas a partir da frequência e a questão de ALP com o auxílio do *software* EVOC (*Ensemble de programmes permettant l'analyse des evocations*), que permite a identificação, a partir de uma lista ordenada de evocações livres, identificando os elementos centrais e periféricos da representação social. Isso é possível a partir da realização de cálculos quantitativos, por meio da elaboração de matrizes de ocorrências, servindo de embasamento para a identificação das representações sociais, do núcleo central e da periferia por meio da frequência e da ordem média de evocações, organizando as evocações em quatro quadrantes distintos (o núcleo central, os elementos intermediários e a periferia da representação social).

A justificativa que os alunos deram a primeira palavra foi organizada em um banco de dados no Word, antecedida por uma linha de comando composta pelas variáveis aluno, gênero e raça, a qual foi analisada com o auxílio do *software* Iramuteq, possibilitando a construção da análise de similitude, a qual é baseada na teoria de grafos, permite identificar as coocorrências entre as palavras evidenciando as conexões entre elas (CAMARGO; JUSTO, 2013).

3.0 Resultados e Discussão

Ao analisar a primeira parte do questionário foi possível caracterizar os alunos participantes, a qual pode ser visualizada na tabela 1.

Tabela 1: Caracterização dos alunos participantes

Variáveis		Frequência
Gênero	Masculino	53
	Feminino	38
	Outros	5
Raça/ Cor	Branco	50
	Preto	9
	Pardo	32
	Indígena	4
	Amarelo	1
Possui familiar negro	Sim	62
	Não	33
Já teve conteúdo/ formação relacionada as questões étnico-raciais na escola	Sim	62
	Não	33

Fonte: As autoras.

Em relação ao gênero, constatou-se que 53 alunos se identificam com masculino, 38 com feminino. Cinco alunos marcaram a opção "Outros", destes, três alunos não especificaram o gênero, um se identificou como transgênero e o outro como gênero fluído.

Em relação a raça/cor notou-se que majoritariamente os alunos se autodeclaram brancos ou pardos, o que nos provoca a refletir. Silva (2018) diz que o processo de “embranquecimento” da sociedade vem atrelado a uma ideia de algo bom, ou seja, quanto mais você conseguir clarear seus descendentes, melhor será para sua família. Assim, ao longo de todo o processo histórico e até os dias de hoje, observamos a dificuldade de autorreconhecimento de muitos negros, que exibem sinais evidentes de processos de embranquecimento. Muitos se declaram como pardos durante boa parte de suas vidas, não se reconhecem e não se identificam com a raça negra, além de negarem grande parte da cultura afro. Não obstante, se considerarmos “a desigualdade social, o racismo, a violência e a vulnerabilidade aos quais os negros são

submetidos em nossa sociedade, autodeclarar-se negro é um ato político, de coragem, de reconhecimento e resistência” (Carapello, 2020, p.176), o qual tem a ver com o sentimento de pertencimento a um grupo racial ou étnico, decorrente de uma construção social, cultural e política a que, diga-se de passagem, nem todos têm acesso.

Em relação a presença de familiares negros, 62 alunos declararam possuir parentes negros, enquanto 32 afirmaram que não possuem. Entre os que possuem oito indicaram os avós, oito mencionaram o pai, dois indicaram a mãe, quatro referiram-se a tios e primos, dez não especificaram o grau de parentesco e 30 não souberam responder. A justificativa para essa questão reside no fato de que alunos que possuem familiares negros, por vezes, pudessem ter uma identidade racial mais bem definida a partir da sua ancestralidade, visto que vivemos em um país miscigenado o que complexifica essa construção da identidade étnico-racial dos sujeitos dificultando, sobretudo, a sua consciência de raça e classe (Carapello, 2020).

Quando questionamos se já tiveram o conteúdo ou formação relacionada às questões étnico-raciais na escola, 62 responderam que sim e 33 responderam que não. Dos que responderam que sim, 48 citaram como agentes dessa formação os professores e ainda dos que especificaram a área, 18 foram em aulas de história, três em aulas de português e um em aulas de Ciências. Apareceram ainda estagiários, citados por sete alunos e direção, citada por quatro alunos. Vale destacar nesse sentido que as áreas citadas pelos alunos, História e Português, são justamente as apontadas como principais responsáveis por trabalhar com temática, segundo a lei 10.639. Contudo, não aparece a disciplina de Artes a qual também compõem a legislação e destaca-se ainda o fato de ter aparecido a disciplina de Ciências. Assim, parece que o conteúdo é trabalhado mais de acordo com a formação e a preferência dos professores do que em virtude da legislação, o que faz com que muitas vezes seja abordado de forma esporádica e não sistemática, como é o caso de escolas que o fazem apenas no Dia da Consciência Negra.

Na segunda parte do questionário, na qual empregamos a TALP, analisada com o auxílio do *software* EVOC, obtivemos como resultado a Tabela 2, a qual evidencia as palavras que possivelmente compõem o núcleo central (NC) e o sistema periférico (SP) das representações sociais dos alunos sobre o racismo.

Para interpretar a tabela 2 no quadrante superior esquerdo localizam-se as palavras que possivelmente constituem o núcleo central da representação, no quadrante superior direito e no quadrante inferior esquerdo, localizam-se respectivamente o primeiro e o segundo núcleo intermediário e, por fim, no quadrante inferior direito a periferia da representação social (Oliveira, Marques, Tosoli, 2005).

Tabela 2: Possíveis elementos que compõem o NC e o SP.

Palavras	Freq ≥ 15	OME $< 2,9$	Palavras	Freq ≥ 15	OME $\geq 2,9$
Crime N	30	2,13	Discriminação N	25	3,12
Errado A	18	2,50			
Preconceito N	56	2,17			
Palavras	Freq < 15	OME $< 2,9$	Palavras	Freq < 15	OME $\geq 2,9$
Desilgualdade N	11	2,81	Bullying N	14	3,07
Desumano N	7	2,00	Burrice N	11	3,36
Macaco I	12	1,50	Desrespeito N	13	3,30
Negro I	13	2,76	Exclusão N	9	3,88
Preto I	14	2,57	Ignorância N	6	3,16
			Injustiça N	9	3,22
			Violência N	7	3,42

Fonte: A autora.

No núcleo central da representação social do racismo aparecem as palavras preconceito, crime e errado, citadas 104 vezes, elas se constituem como atitudes negativas frente ao racismo, as quais estão relacionadas aos conhecimentos que os alunos possuem sobre, além de se constituírem como aspectos normativos, ou seja, aquilo que é correto socialmente falar sobre. Assim, os alunos representam os atos de racismo como formas de preconceito e, de tal modo, entendem como algo errado e passível de ser criminalizado.

Destacamos alguns extratos das justificativas dadas as palavras destacadas:

Racismo é preconceito precisa ser abolido na sociedade, no entanto, ainda é muito presente nos dias atuais (Aluno 18).

O racismo é uma realidade, querendo ou não está muito presente em nossa sociedade [...] devemos parar com essa ideia de que pessoas negras devem ser excluídas, elas têm os mesmos direitos na sociedade que as pessoas brancas, mas na realidade isso não acontece (Aluno 42)

É uma realidade, o racismo existe a partir das ideias criadas no século XIX de que negros eram inferiores. Hoje sabemos que isso não é verdade, com todos os esforços realizados para que esse preconceito acabasse, mesmo assim o racismo continua sendo uma realidade muito presente em nossa sociedade (Aluno 64)

O racismo é um ato horrível cometido contra uma pessoa, algo inaceitável, que deve ser considerado um crime (Aluno 94).

Errado: o racismo é errado por que só pela cor de uma pessoa, principalmente nas épocas mais antigas, na escravidão os negros eram obrigados a trabalhar para os brancos e sempre continuavam até a era moderna que isso parou (Aluno 11).

É um crime, se cometer vai direto pra cadeia (Aluno 24)

Vê-se entre as falas dos alunos que eles possuem conhecimentos de que o racismo está presente na sociedade, mesmo que ele se constitua como um ato criminoso, passível de penalização. No segundo quadrante aparece a palavra discriminação, um substantivo muito

próximo das palavras presentes no primeiro quadrante.

A discriminação é a forma de tratar alguém de forma desigual por conta da cor da sua pele ou da etnia da pessoa (Aluno 59)

No terceiro quadrante aparece o substantivo desigualdade e o adjetivo desumano, o qual também se constitui como uma atitude negativa frente ao racismo. Contudo, nesse mesmo quadrante aparecem as palavras macaco, negro e preto que são palavras que inferiorizam e estigmatizam as pessoas negras, as quais expõem as imagens que são circulantes e fazem parte do cotidiano dos alunos e, de tal modo, se constituem como aspectos funcionais relativos ao racismo, aquilo que circula na sociedade e na escola. Destacamos algumas frases que foram utilizadas como justificativa para essas palavras, tais como:

Tudo começa chamando de negro até chegar ao racismo (Aluno 1)

Macaco é mais falado na escola (Aluno 7)

Os caras chamam uma pessoa de macaco se referindo ao preto (Aluno 13)

Chamar uma pessoa de macaco em virtude da sua cor da pele, evidencia uma imagem do racismo elaborada pelos alunos, ou seja, a concretização simbólica do objeto da representação, a qual além de se constituir como um crime, que infelizmente ocorre diariamente e em plena luz do dia, demonstra uma violência, uma injustiça, um ato de preconceito dentro do espaço escolar que deveria ser o local justamente do oposto, ou seja, da formação de indivíduos críticos, conscientes, solidários, capazes de transformarem a si mesmos e a sociedade em que vivem. A escola deveria ser espaço de inclusão da diversidade, de autoconhecimento, de constituição da autoestima, de devalorização pessoal, de reconhecimento das diferenças, da pluralidade, percebendo a riqueza dessa diversidade com respeito e equidade (Carapello, 2020).

Outra frase marcante discute os amplos efeitos do racismo, destacando suas implicações em diferentes esferas da vida, como o mercado de trabalho e as relações interpessoais. Ela reforça a ideia de que o racismo influencia significativamente a vida das pessoas negras.

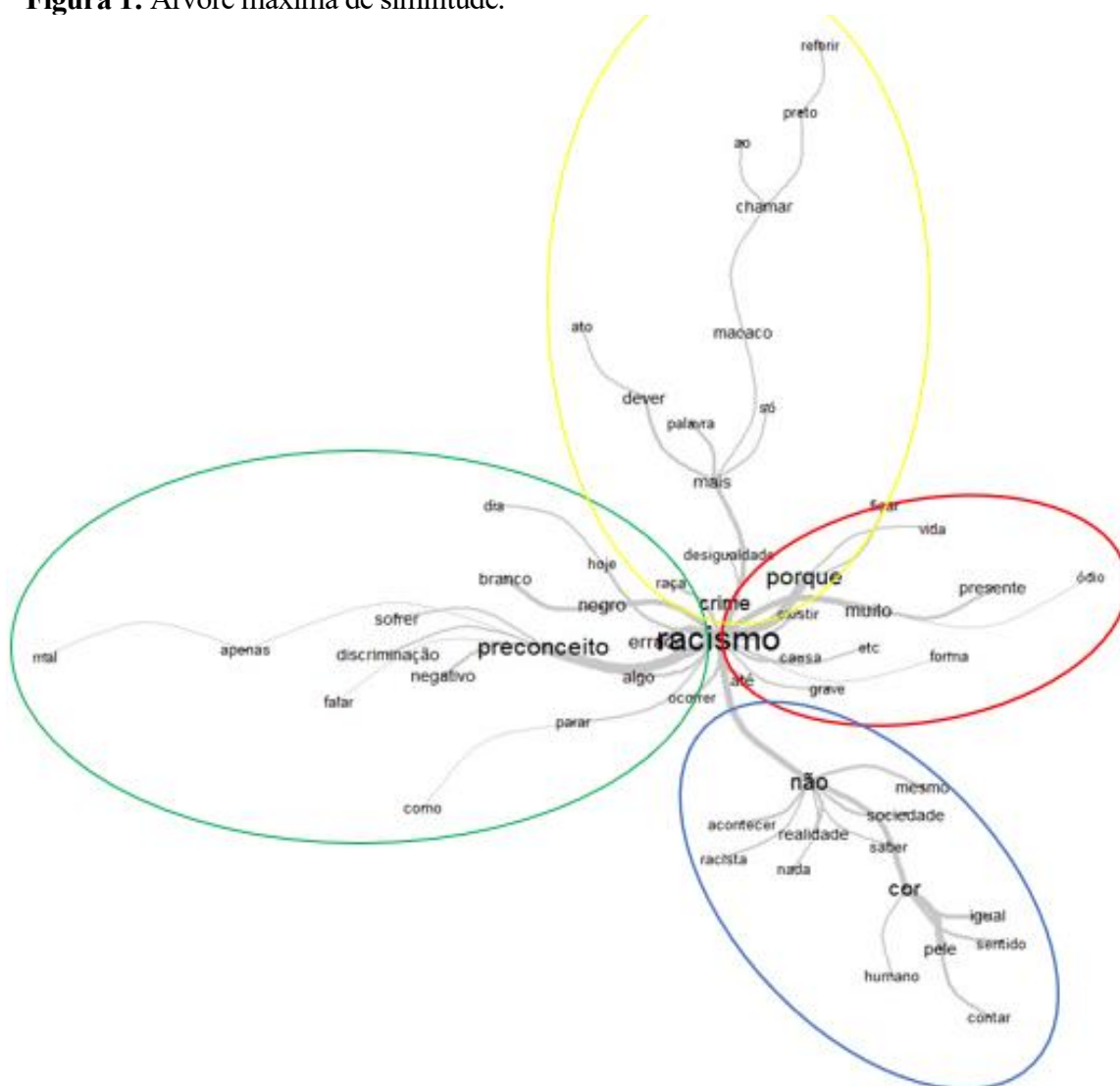
O racismo trás desigualdade para todos os aspectos da vida dos afetados, no mercado de trabalho, nos relacionamentos (Alunos 79).

Por fim, na periferia aparecem novamente os aspectos normativos nas palavras *bullying*, burrice, desrespeito, exclusão, ignorância, injustiça e violência. Destacamos a seguinte justificativa, “*Racismo é fazer bullying, todo mundo é igual independente da cor ou outros gêneros*”. Há nesse frase vários aspectos que podem ser discutidos, como os conceitos de

igualdade e equidade, o pacto da branquitude e a diferença entre *bullying* e racismo. Thais Bernardes (2022), jornalista negra, fundadora do Notícia Preta, diz que é necessário vermos as nossas diferenças, pois não somos todos iguais e isso não é sobre segregar, mas sim sobre pensar como incluir e respeitar essas diferenças. Nesse sentido não falamos em igualdade, mas sim em equidade, uma vez que partimos de pontos distintos. Além disso, Raquel Carapello, (2020), uma professora negra que discute as diferenças entre o racismo e o *bullying*, aponta que ofensas, agressões e violências relacionada à cor, aos traços e a história não se caracterizam como *bullying*, mas sim como crimes de racismo.

O banco de dados contendo as justificativas dos alunos dada a primeira palavra, analisado com o apoio do *software* Iramuteq, possibilitou a visualização da árvore máxima de similitude, presente na figura 1:

Figura 1: Árvore máxima de similitude.



Fonte: A autora.

A árvore máxima de similitude se organizou em quatro campos distintos, assinalados nas cores azul, vermelho, amarelo e verde. No maior deles, na cor verde, os alunos representam o racismo como algo errado, um ato de preconceito, discriminação, que tem efeitos negativos e gera sofrimento. Esse campo foi composto em especial pelas alunas do gênero feminino que se identificam como pretas.

No segundo campo, marcado em vermelho, há a representação do racismo como algo grave que existe e que está muito presente na vida das pessoas relacionado-o com o ódio. Esse campo foi constituído por alunos que se identificam como pardos. Vê-se, portanto, que os alunos pretos e/ou pardos reconhecem a presença do racismo na sociedade e apontam os efeitos negativos dele em suas vidas.

No terceiro campo em azul, há uma representação que nega a presença do racismo, a partir da qual ele não acontece, pois em relação a cor da pele todo mundo é igual. Esse campo foi formado por alunos que se identificam como brancos. Há nesse campo uma representação social de resistência em se admitir a existência do racismo e um discurso de que somos todos iguais, humanos e, portanto, temos as mesmas oportunidade. Esse campo expressa exatamente o conceito de branquitude descrito por Cida Bento (2022) a partir do qual os europeus, brancos, estabeleceram uma identidade comum que utiliza os africanos, negros, como principal ponto de contraste. A natureza desigual dessa relação possibilitou que os brancos definissem e disseminassem a concepção de si mesmos e do "outro" por meio de projeções, exclusões, negações e atos de repressão, influenciando erroneamente na autodeclaração desses alunos.

Por fim, o campo amarelo entende o racismo como um crime devido a desigualdade e a casos de injúria racial como chamar alguém de macaco ou se referir a alguém como preto. O que chama a atenção é que esse campo não teve a contribuição de nenhum grupo de alunos em específico, sendo comum a todos eles. Em outras palavras, mesmo que os alunos brancos neguem a existência do racismo, é consensual o reconhecimento dele como um crime.

Essa análise evidencia uma demarcação muito importante em relação à representação social dos alunos acerca do racismo. De um lado estão os alunos/as pretos e pardos que reconhecem a sua existência na sociedade e os seus impactos em suas vidas e de outro estão os alunos/as brancos que negam a sua existência, alegando que somos todos iguais, corroborando com o conceito de branquitude definido por Cida Bento (2022), invisibilizando as profundas disparidades raciais existentes dentro da escola e em nossa sociedade.

Considerações finais

Tendo como objetivo analisar a estrutura e a dimensionalidade das representações

sociais dos alunos acerca do racismo, foi realizada a coleta de dados por meio da aplicação de um questionário para 95 alunos de uma escola pública da periferia da cidade de Ponta Grossa/PR. Na caracterização dos alunos viu-se que a maioria se identifica com o gênero masculino e com a cor/raça branca, embora haja uma grande frequência de alunos que se identificam como pardos. A maioria possui familiares negros e já tiveram na escola conteúdo ou formação relacionada com as questões étnico-raciais, em especial, na disciplina de História.

Ao analisarmos a dimensionalidade das representações sociais dos alunos acerca do racismo evidenciam-se conhecimentos em relação a ele, relativos à sua presença na sociedade, a sua configuração enquanto um crime, bem como em relação aos efeitos que ele pode causar na vida das pessoas negras. As atitudes frente ao racismo foram majoritariamente negativas e a imagem mais frequente, citada pelos alunos, foi a do macaco. Esses aspectos compõem e corroboram com a estrutura da RS do racismo que tem em seu núcleo central as palavras preconceito, crime e errado e em meio aos elementos intermediários aparecem em especial atitudes e imagens. Na periferia chama a atenção a palavra *bullying*, a partir da qual reflete-se sobre a diferença existente entre o racismo e o *bullying*.

Ao analisar as justificativas que os alunos deram as palavras elencadas em primeiro lugar, relacionamos as RS dos alunos com as variáveis gênero e cor/raça, a partir das quais evidenciou-se uma polarização muito importante nas RS do racismo. De um lado estão os alunos/as pretos e pardos que reconhecem a sua existência na sociedade e os seus impactos em suas vidas e de outro estão os alunos brancos que negam a sua existência, alegando que somos todos iguais. Essa polarização traz divergências e conflitos para dentro do ambiente escolar, ocasionando situações como a relatada no início do texto, a qual motivou a realização dessa pesquisa.

Ao nos aproximarmos da conclusão deste texto destacamos a importância da escola investir em práticas de educação antirracista, que promovam o respeito a diversidade, a pluralidade cultural, a convivência, a cooperação, a solidariedade, a empatia. Destacamos ainda que essas práticas requerem intencionalidade, planejamento, acompanhamento e periodicidade. Sublinhamos a necessidade de uma educação crítica e antirracista, que promova a equidade e prepare os alunos para a vida e, de tal modo, contribua para a transformação social, pois é inadiável que em pleno século XXI, a escola pública ainda sirva de palco e seja espaço de sofrimento para alunos/as negros/as reproduzindo ações, discursos e ideias racistas ao invés de problematizá-los e combatê-los.

Referências bibliográficas

ABRIC, J.C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antônia

Silva Paredes; OLIVEIRA, Denise Cristina de (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998. p. 27-38.

BERNARDES, T. **Não somos todos iguais** Disponível em: <https://futura.frm.org.br/conteudo/mobilizacao-social/artigo/nao-somos-todos-iguais>
Acesso em: 25 out. 2024.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs
Acesso em: 10 jun. 2024.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: Um Software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p.513-518, mai. 2013. DOI 10.9788/TP2013.2-16. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000200016 . Acesso em 27 abr. 2024.

CARAPELLO, R. O racismo camuflado pelo bullying. **Revista Educação**, v. 15, n.1, p. 171–178, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33947/1980-6469-v15n1-4018>. Acesso em 25 out. 2024.

CIDA, B. **O Pacto da branquitude**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Davis, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016

MAIA, B. S. R.; MELO, V. D.S. A colonialidade do poder e suas subjetividades. **Teoria e Cultura**, v. 15, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/30132> Acesso em 25 out. 2024.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MUNANGA, K . **Negritude: Usos e Sentidos**, São Paulo: Autêntica, 1988.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade nacional Versus Identidade Negra**. Petrópolis: Ed.Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução . Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoasDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf . Acesso em: 25 out. 2024.

OLIVEIRA, C. D.; MARQUES S. C.; TOSOLI, A. M. Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. P. et al. (Org.). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: Ed. da

UFPB, 2005.

OLIVEIRA, L. C. de. **O racismo na sala de aula**: uma intervenção com professoras da RME/BH. 2012. Dissertação do Curso de Especialização em Docência na Educação Básica - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANSONE, L. Nem somente preto ou negro: o sistema de classificação racial no Brasil que muda. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 18, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20904>. Acesso em: 25 out. 2024.

SILVA, A. B. do N. O Impacto do Colorismo no Feminismo Negro do Brasil. **Caderno Humanidades em Perspectiva**, v. 4 n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/humanidades/article/view/749>. Acesso em 24 out. 2024

Apêndice 1- Questionário

(Modelo impresso)

QUESTIONÁRIO

Objetivo: Apresentar as representações sociais dos alunos de escola pública acerca do racismo

1. Para você, **RACISMO** é.... Escreva as cinco primeiras palavras que lhe vem à cabeça e na sequência enumere-as conforme a ordem de importância.
☐ _____
☐ _____
☐ _____
☐ _____
☐ _____
2. Você se identifica com qual gênero?
☐ Masculino
☐ Feminino
☐ Outros: _____
3. Você se identifica com qual raça/cor?
☐ Branco
☐ Preto
☐ Pardo
☐ Indígena
☐ Amarelo

4. Você possui algum familiar negro? Se sim, qual é o grau de parentesco?
☐ Não
☐ Sim _____
5. Já teve algum conteúdo ou formação na escola relacionado as questões étnico raciais? Quem realizou?
☐ Não
☐ Sim _____
6. Justifique a palavra escolhida como a mais importante.

7. Autorizo a divulgação dos dados, desde que seja preservada a minha identidade
☐ Sim
☐ Não